

DIAS INSÓLITOS

Márcio Catunda

*“Na lisa planície da alegria
corre o rio feroz do esquecimento”*
Antônio Carlos Secchin

*“Por que tão
Amargos os últimos
frutos da safra?”*
Roberto Evangelista

MEDITAÇÕES

Fujo da percepção comum,
qual perseguição que eu mesmo me imponho.
Deleito-me, caminhando entre as árvores
e escrevendo
num desespero frenético de redenção.
O lar que me enche de nostalgia
é o luar, à sombra de um manto tenebroso.

Meu objetivo é converter-me num *sanyasi*,
num *brahmachari*, num verdadeiro *bhakta*,
regozijando num *samadhi*
inquebrantável de firmeza e serenidade.
Até compreender a consciência do Ser eterno,
e ser o *Purusha* silencioso,
agindo sem apego e sem medo,
a serviço do *Baghavan*,
em união subjetiva com o Senhor dos Seres,
o Equilíbrio Luminoso da Natureza.

Só as delicadas oferendas
acalmam as ondas do mar da mente.
Assemelho-me aos peregrinos solitários,
Isolado, disfarçado de monge ortodoxo.
Os que vivemos no mundo, sem nele viver,
sabemos que o caminho é todos os dias
e que não há como sair do universo.
Visto a túnica ocre dos *sanyasis*.
e afugento a melancolia da tarde cinza.
Sorrio de mim mesmo, sem entender nada,
e, talvez, entendendo tudo.

Sempre fui capaz de certa ousadia
pelo prazer de descobrir uma percepção diferente.
Desde a infância contemplei jardins.
O nevoeiro do entardecer me extasia.
Fui sempre arredio ao antro fenomenal das cidades.

Tão diminuto é o tempo de viver!
Hoje, que o dia parece uma consagração,
continuo acreditando na arte da delicadeza.
Aprendi astúcia
e desfruto de quietude,
em pleno fervor mental.

O mundo gira ao redor do eu.
Tudo existe porque sou.

O GITÂNJALI DE RABINDRANATH TAGORE

Bêbado da alegria de cantar,
o viajante eterno
busca os matizes do amanhecer.
Sedento de distância,
vela, em vigilante adoração.
Floresce o cânhamo, e breve é o prazer.
É preciso preenchê-lo de melodias.
Murmurar cânticos,
com o regozijo de ser um perdido
que se reencontra na manhã da oferenda.
O poeta tem por lâmpada a Via Láctea.
O insensato há de deixar os fardos,
nas mãos de quem ofereça
dádivas de amor sagrado.
Há de saber que a morte
nos outorga o infinito.
No oceano da carícia perdida,
entender o silêncio e a transparente pureza.
Depositar a harpa da vida,
na serenidade da verdadeira renúncia.
E, depois, reafirmar tudo,
com fé e perplexidade.

HAIKAIS

O vento brinca,
cantando na folhagem
As árvores murmuram.

Arde o crepúsculo:
fogueira nebulosa,
fluidos etéreos.

A lua brilha:
fúlgido candelabro.
Noite encantada.

Alta maré
no sonho da onda.
Desperto sobressaltado.

Vertigem mística
na tarde de outono.
Folhas crestadas.

A árvore do amor
espera a primavera
para ter flores brancas e róseas.

Noite de solidão,
claro céu de setembro.
Contemplo o silêncio das estrelas.

O *ashram* está em mim mesmo.
O *satori* é agora,
em pensamentos sucessivos.

Noite de sexta-feira,
pessoas apressadas
rumo à sombra do não-lugar.

Noite de suave frescor.
Longe das avenidas,
a lua, fulgente, no espaço.

O doce aroma das árvores.
Céu de reflexos diluídos.
Estremecida solidão.

As janelas dos prédios,
a tarde azulada,
o encanto de estar só.

Infinito fluido abstrato.
Lua crescente
na profundidade do espaço.

Tarde de nuvens sombrias.
Silêncio nos ramos verdes.
Brisa de anoitecer.

Finas agulhas de água.
Céu em transmutação.
Tarde de setembro.

A primeira chuva de outono
gelou o céu e a terra.
ando introspectivo.

Portentoso cedro
de delicados filamentos
és símbolo de força e beleza.

O vento ondula
no lago esverdeado.
Anoitecer chuvoso.

A ladeira íngreme
do lugar silencioso
onde o sábio de se refugia.

Luar sublime
Sobre o mar cantábrico.
Noite visionária.

Começa a choviscar.
O guarda-chuva me anima
a seguir em frente.

O sol brilhou de súbito,
afugentando
a melancolia da tarde.

Diante da expansão azul,
respiro a pureza do ar.
Tenho pena de partir.

O frio outonal
crestou as folhas
e as espalhou pelo chão.

Uma queda na escada:
a dor, o gelo.
A intuição do *karma*.

Gato preto
no verde horto.
Sinos ao longe.

Há manchas no céu.
As estrelas se anunciam
além do nevoeiro.

Sol nos prédios,
chuva na calçada.
Caminhos inesperados.

Gotas como plumas
translúcidas.
Lucidez celestial.

POEMAS ZEN

Quem canta longe,
dentro da impermanência?
As folhas verdes crepitam no verão.
Nunca mais este instante se repetirá.
Até o céu será outro,
no espelho da água.

Ser feliz é respirar:
estômago cheio, intestino vazio
e cérebro iluminado.
E quando não houver mais pulmão,
nem digestão, nem raciocínio?

Nada há de ser
diferente de agora.
E, no entanto,
nenhum momento
é igual a outro.

Não confio nos sentidos
nem no pensamento.
Não é a própria consciência
que deturpa as percepções?

SE APENAS CEM MILHÕES

Se apenas cem milhões de pessoas
pensassem igual a mim,
haveria uma grande revolução no mundo.
Não seria o orgasmo espiritual permanente,
mas a guerra acabaria
e haveria contempladores de jardins
e andarilhos de tardes nebulosas.
Se eu fosse clonado cem milhões de vezes,
quanta gente buscaria lugares tranquilos
e desfrutaria da paz de viver e deixar viver!
Quanta gente espalharia o desvelo espiritual
de ver nas estrelas reflexos humanidade.
Quanta gente se arrebataria de prazer,
diante da claridade anímica do mar!

MORFEU

Misterioso Morfeu,
de costas para o dia,
me consolas com veludas mãos
e me cobres as pálpebras.
Inimigo da pressa, atuas difuso,
e permeias os sentidos
de pasmo coloidal.
A consciência obedece os teus desígnios niilistas,
Submete-se à sutileza que insinuas.
Anti-retórico, adverso à estridência,
Imperador da subjetividade.
Cortejo-te com bocejos benevolentes.
Conhecedor do segredo do vazio,
caótico borrador de imagens,
que silêncio sem matéria
e que memória volátil constituem o teu presente ausente?
Dize-me se existiram as tardes
em que os pássaros foram eternos?
Que dia em mim pretende permanecer,
sem sombra nem música?
E em que recanto
imergirei contigo em longa viagem?
Imagino-te espelho sem reflexo
prospectivo-intencional.
No pântano dos olhos entornados,
inspira-me indiferença às percepções de ânsia
e a todas as sensações
que não sejam de absoluta calma.
Inspira-me paz diante da loucura
dos pretensiosos e arrogantes.
Faz-me caminhar trôpego de êxtase,
Dá-me delicados sonhos sempre,
até que a venha a saída definitiva para o nada!

EPIGRAMAS

Flores como delicados ornamentos das folhas.
Inflorescências que se abrem para receber a luz,
fluida claridade aérea
que aviva o espírito.
A harmonia clorofilada das copas verdes.
ostenta a exuberância da estação dos primores.
A vida mesma se encanta
e é preciso desfrutar do privilégio ecológico.
É preciso estontear-se, pasmado de devoção,
celebrando a festa de cores da natureza.

Tarde peregrina.
Sede de luz,
disfarçada de inquietude.
Terra, árvores, gente,
tudo me acende essa verve de vida.
O dia tarda.
Sou digno de celebrar os poetas.
Desfruto deste recanto,
ouvindo os pássaros.
Os mundanos não percebem a vertente do tempo.
Prefiro andar só.

Até quando pisarei a calçada da minha rua?
A noite, com seu mistério de sombras
e seu encanto lúdico,
convida-me a celebrar a vida.
Busco a verdade hialina
para além do fenômeno biológico.

POEMAS ECOLÓGICOS

Bebo serenamente a aragem do bosque.
Hirsutos flocos pulsam
na mansa vibração clarividente.
Células virentes,
no esmalte translúcido da folhagem.
A nervura cintilante
filtra os perfumes telúricos.
As pequenas flores são prodígios estelares,
na relva e na eclosão da ramagem.
Delicados braços florescem,
acolhendo as aves voláteis.
O céu multiplica a perplexidade nebulosa.
A energia aérea, plasmada em fulgores,
recende na resina sensual.
O vento gracioso alisa as folhas e acende a tarde.
O Sol derrama o ácido verde do tempo,
clareando a vida em toda parte.
Adentro a espessura do vergel.
Estou na companhia dos gorjeios encantados.
Cachos de luz emergem de finos galhos
que se dobram como em oferenda.

II

Nem só de pão vive o homem,
recito aos animais.
Pareço o hippie de Assis,
conversando com a natureza.
Poesia, hábito marginal
de transformar o cotidiano.
Arte de beber uma obsessão diletta.
Um gosto estranho de solidão.
Os jardins pedem
a doçura de um enlevo,
Um momento de alienação do supérfluo,

A brisa envolvendo
as verdes encantações.
Caminhar pelo Parque do Retiro,
tocado de eternidade,
ou imaginando uma dádiva suprema.
O apogeu da vida
e o epígono da clarividência.
Vertiginosa tarde de alegria.

ORFEU DA PERDIÇÃO

A Amalia Bautista

Ó tu que imergiste
no reino das sombras,
em nome de uma utopia de amor!
Rei do lirismo!
Insensato, apaixonado e arrebatado,
imito, nestes hortos,
o teu gesto extravagante.
Por Eurídice, a musa,
mergulhaste no teu próprio inferno,
em busca de um estado mental
em que não temerias
nem a vida nem a morte.
Vida, bolha de arco-íris!
Morte, mistério temido!
Guardo em mim
a tua realidade dissonante.
Tua ousadia, em nome
da destruição da destruição,
que é uma espécie de sensação beatífica
de longínquas ressonâncias.
Uma evasão de bem-aventuranças.
Nesses portões nebulosos
onde também entrou Perséfone,
bebeste a melancolia de sonhar.
No mesmo jardim tenebroso,
imagino a glória transcendental.
Eis a minha paixão vespertina,
meu delírio amoroso.
Orfeu da perdição:
deus dos angustiados,
inventor da embriaguês mística,
antes de que Dionísio
sorvera o néctar do vinho!
Alimenta-me da esperança do teu sonho

para que eu me encontre
em equilíbrio,
e vença qualquer momento de aflição.
Dá-me o dom de observar serenamente
os minutos que passam.

VAGABUNDAGEM LÍRICA

A vagabundagem lírica
é virtude invejada pelos figurões.
O vagabundo lírico
inventa o ofício de sentir a beleza.
Ensimesmado nas horas de fulgor,
adormece no afã do frêmito.
Inebriado de experiências metafísicas,
vê o fluido hialino
que tremula nos lânguidos filamentos.
O afortunado fugitivo
percebe a mirífica perspectiva das ilações.
Conjuga o verbo imaginário,
buscando a essência luminosa dos morfemas.
Acostuma-se à intempérie,
sorvendo a mansuetude do veneno.
A vagabundagem lírica
é invejada pelos colecionadores de medalhas
e pelos que se ocupam em vigiar e punir.
O vagabundo lírico flutua em doce vertigem,
tal os pássaros ébrios de calidez.
Foge dos cérebros caóticos.
Sente o generoso dom que o vento acende
e passeia entre pétalas místicas,
apesar da incerteza dos dias.

O VIAJANTE LI PO

Reclinou-se no leito da natureza
e inaugurou em si o mundo imperecível.
À sombra noturna,
as flores riram da sua solidão.
A lua o acompanhava,
clareando a relva de fios de seda esmeralda.
Caminhando ao vento,
contemplou as flores,
até perceber o encanto inusitado.
No caminho à ermida do asceta Ju Si,
a erva ondulava
e as tulipas deixavam cair as pétalas.
Só de ver os nenúfares,
esqueceu toda a tristeza.
Buscava o elixir dos taoistas
para dialogar com o vento
e perpetuar o êxtase.

POEMA TAOISTA

I

A recreação dos meus sentidos
é intuir a paz de onde provenho.
Quando, absorto, pressinto o perfume límpido,
à sombra pensante da quietude,
suponho a noção a priori
da memória que bebe a nutritiva resina,
entre relva e nuvem.
Minhas insígnias são a semente que frutifica;
o lampadário de signos, no céu do anoitecer;
e a delicadeza que flui no sorriso da criança.

II

Não fazer é abster-se dos pensamentos.
Despreocupar-se, confiar na natureza.
Música do vento nas folhas,
acreditar na plenitude do agora.
Rir da vida, enquanto é possível.
Deixar fluir as vibrações etéreas,
louvando as aves e as plantas.
Suave é a tarde,
quando compreendemos: não há nada a fazer.

III

Ainda não sei
se o que chamo *conhecer é conhecer*
ou *desconhecer*.
Não me ocupar das coisas do mundo
é o ideal a que ambiciono.
Que diferencia as palavras do piar dos pássaros?
A fama que busco é o Tao impronunciável,
o êxtase da música do céu.

A Luz Oculta do Grande Despertar
revela o mistério essencial
que vem do céu e ondula no vento.
Com estas palavras Chuang Tsé
recusou o honroso convite
do rei Wei de Chu,
que lhe oferecera o afã
e a ostentação de um cargo de alta dignidade.

A INICIAÇÃO DE RAMAKRISHNA

Banhado em lágrimas de alucinadora fé,
e o corpo sacudido por espasmos,
Ramakrishna imergiu nas ondas esplêndidas
do oceano inefável da deusa *Kali*.
Sentou-se para contemplar o *Paramatma*,
e compreendeu a expansão
sem margens do sagrado amor.
Em Brindaban, viu Krishna em cada pastor.
Chorou, quando viu os pobres de Deogar.
Queria consolar todos os sofredores.
Queria fundar uma religião universal.
Os discípulos o amparavam nos tranSES,
em que declarava ver Deus em todos os homens.

RAMANA MAHARSHI, O SANTO SÁBIO DE ARUNDACHALA

Ensinava aos *sadhus*
o prazer de respirar na plenitude.
Estar no corpo, como os não-nascidos.
Mergulhar na vertente interior
e transcender a alucinação da dualidade.
O Ser, dizia o sábio Ramana Maharshi,
é como o éter puro.
Brilha entre as sombras efêmeras
do corpo e do ego.
É Brahman, a Presença que está em tudo,
é o Deus em que estamos existindo.
E perguntava aos andarilhos,
perdidos na lucidez inquieta da incerteza:
“não é uma maravilha que tu mesmo sejas Deus
e que tudo seja infinito e eterno?”

A INSTRUÇÃO DE BODHIDHARMA

Jardins com clareiras de pedras preciosas
imaginava em seu reino de príncipes sacerdotes.
Passearia ao largo de um remanso de mananciais,
numa paradisíaca teocracia ecológica.
Bodhidarma não se importava
com esses ideais do imperador Wu.
Falou-lhe da certeza de que o tempo
não decorre no centro do círculo flutuante.
Revelou-lhe que, no âmbito do júbilo secreto,
não há ontem nem hoje nem amanhã,
porque o fundamento de tudo é o vazio imenso.

ITINERÁRIOS DE MATSUO BASHÔ

O andarilho da inquietação
peregrinou a Yoshino
para contemplar as cerejeiras florescidas.
Envolto em solidão e desamparo,
cruzou perigosos precipícios.
Caminhou, longamente,
às margens do rio Oi.
Pernoitou, insone, na Casa dos Caquis Caídos.
As noites frias embranqueciam-lhe o cabelo.
Dormiu em tapetas e desmaiou de dor,
depois de uma noite em claro,
picado de mosquitos e pulgas.
Chorou de emoção a cada instância percorrida.
Durante dez anos de extenuantes aventuras,
forjou-se o semblante do Velho Mendigo.
Renunciava ao mundo material
e insistia em seu itinerário nômade,
cultivando a impermanência.

CONTRIÇÃO À MANEIRA DE AL-HALLAJ

A Clara Janés

Se te pressinto em todos os lugares
e além de qualquer lugar,
e adivinho a aurora do teu segredo supremo,
por que me extravio na prisão da vida?
Por que não me fixo na liberdade
de quando toda separação se desvanece?
Se do teu oceano de mistério
há a gota de orvalho divino em meu coração,
por que a parte que sou
só vê o que se desprende da fonte?
Se meu todo imerge na tua totalidade,
quando emergirás do lugar em mim onde te ocultas?
O lago do mundo não me sacia a sede
e a tua sombra se reflete no cântaro
da penumbra que sou.
Se és em verdade meu eu,
se povoadas todas as minhas visões intuitivas,
quando estarei contigo
em todo lugar e em parte alguma?

ASHTAVAKRA GITA

O Ser está em todos e em tudo.
É a consciência de que somos o próprio tempo.
Vê como iluminamos o mundo,
Quando o pensamento
não se vincula a nenhuma expectativa.
O rei Janaka queria a glória eterna
em qualquer circunstância.
Conhecia a plenitude da perplexidade.
E prometia a si mesmo perder o medo da morte,
perdendo o apego pela vida.
Dialogava com o guru Asthavakra,
que dominava a angústia da solidão.
Os dois deambulavam entre as árvores,
deleitando-se com as calmas ondas do vento.

TABERNA

Também na alegria da embriaguês
manifesta-se o Criador.

BOEMIA DE ABSTRAÇÃO

Conhece utopias de lugares imagináveis,
o devoto de estranhos sonhos.
Na lucidez e no delírio, tão presentes,
uma inteligência absurda,
um medo estonteante,
uma espécie de ideologia cosmogônica
excita-lhe o pensamento.

Noite fria no hemisfério.
O frêmito de caminhar.
A expectativa da revelação
do misterioso sonho
não vinculado ao cérebro.

Curar-me dos devaneios,
se o veneno tem sido o próprio remédio?
Sinto em mim um caos
que é pura lucidez egocêntrica.

AUTOAJUDA

Recondicionar-se,
ao caminhar na direção oposta à de sempre.
Percorrer as ruas matinais num dia de Sol.
Em meio ao trânsito ruidoso e esfumaçado,
fitar o reflexo da luz nas árvores.
Estar convicto de haver tomado a melhor decisão.

LOUVAÇÃO DE SIDARTA GAUTAMA

Bem-aventurado seja o príncipe Sidarta
que descobriu o mundo,
além do seu luxuoso palácio
e deplorou a mísera condição humana.
Bem-aventurada a sua decisão de ensinar o *dharma*.
Bem-aventurada a senda do desapego
e da anulação dos impulsos
no exercício de si mesmo.
Bendita a árvore sob a qual
o Iluminado permaneceu vigilante,
sem avidez nem medo,
até o desprendimento definitivo
das coisas transitórias.
Bendito o seu desprezo pela vida e pela morte;
o silêncio inatacável do nirvana
e a consciência plena de harmonia.
Bendito o que renunciou aos prazeres sensitivos
já não tem sede de sentir
e já não está obrigado a renascer.

IBN ARABI MEDITA A RESPEITO DO AMOR

Ao Ser sem figura, permaneço unido,
pelo carinho que a sombra tem pela luz.
Ao que tudo ouve e tudo vê,
entrego a minha ilusão de tempo.
Ao indefinível, ao compassivo,
ao que deposita medida e equilíbrio em mim,
suplico preservar-me do pavor.
Ao que desperta a vontade de contemplá-lo,
e se deixa ver na nuvem,
exuberante e velado em formas infinitas.
Ao que suscita a esperança do que se enamora,
e ultrapassa toda concepção humana,
Ao que a nada se assemelha.
Ao que ensina que não há outra coisa senão Deus.
Ao que se revela Único
e exorta os filhos de Adão a adorá-lo.
A ele reverencio
qual amante gratificado que suspira.

TENTATIVA DE ENTENDER ANTONIN ARTAUD

Criar a sorte, à força de perder a vida.
Enumerar fúrias,
sob o peso do pensamento
e da música que gira: fósforo secreto,
na espiral instantânea.
Fluir na cidade ardente,
neutralizando a angústia,
mediante o conhecimento imediato de si.
Este foi o resgate e o desperdício
que te embriagou de cosmogonias
e te induziu ao extremo estado de comoção.
Desde então, apaixonado pela vida e pela morte,
consolava-te a perspectiva de ser um corpo sem órgãos,
livre das trevas absolutas;
a medula desfrutando de raptos furtivos.
Tal foi o preço dos instantes de deslizamento,
em que percebeste o sem-sentido das palavras.
Daí te perdeste, na miragem de um cais,
inacessível aos tormentos.
Depois de 58 eletrochoques, em Rodez,
acusaste sempre os teus detratores.
Com láudano, em vão,
anestesiavas as feridas
e as instilações dos demônios.
Lutaste contra Deus e contra a psiquiatria.
Falavas de um mal anterior a ti mesmo
e ansiavas pelo delírio febril,
como revés das absurdas esperanças.

À LUZ DOS PRECEITOS DE GOETHE

O poeta dá permanência ao instante,
diante dos coloridos cálices de flor,
que a lua instila de perfumes do céu.
Evoca sentimentos eternos,
quando, sobre os telhados, gira
o enxame encanecido das estrelas.
Bebe passageira alegria,
com o bem-aventurado Hafis,
na cúpula das verdes nuvens,
para além da influência maléfica do cotidiano.
Sabe que a alma vem do céu e a ele regressará.
E que, em florido tálamo,
teve Jasão o divino corpo da imortal Deméter.
Píton e a hidra de Lerna foram abatidas.
Que Príapo castigue os hipócritas puritanos!
Que as águas ondulantes e os ciprestes
confirmem a hora do ansiado encontro!
Iluminado pelo fulgor do Éter sereno,
à sombra de um frondoso mirto,
sonha com a pele sensual, os olhos sedutores
e as deliciosas reentrâncias da musa.
Quisera ser conduzido a seus lábios,
na noite de áureas estrelas.
Com o ardor dos que se procuram,
porque foram feitos um para o outro,
espera o anunciado êxtase.
Canta ao céu o seu perfume
e o seu sorriso encantador.

VIAGEM COM OS ANJOS ALUCINANTES DE RAINER MARIA RILKE

O rumor da tarde aflora
com o mundo do lamento e do tempestuoso sentir.
Um desconcerto de aflição nos aturde.
O ser obscuro dos espelhos
revela que todas as coisas são efêmeras.
Mas a visão interior,
que vem da pureza das constelações,
supõe o esplendor da magnitude:
a imagem de um lugar inefável.
O anjo que bebe o vinho iluminado dos rostos
transporta-nos pelo rio da noite infinita.
Pressentimos a preocupação melancólica da despedida
e a superfície abismal da eternidade.
Do fugaz ao invisível,
O sublime espaço se inclina
sobre o humano espanto,
diante da dor primordial.

PEREGRINAÇÃO À SEPULTURA DE POUND

(Acompanhado de Jarbas Júnior, vassalo da poesia.)

Às horas, duas, do *pomeriggio*,
saímos em peregrinação.
Ezra Pound esteve comigo no embarcadouro.
Sentei-me nos degraus da Dogana.
Passamos pela Fondamenta Ca' Bala.
Vi a porta anunciada, na calle Querini.
A laguna borbulha o seu voejar cinético.
Contemplo os matizes de enlevo,
da Isola della Giudecca.
Nos bálsamos fluidos da tarde,
Veneza é toda Ezra Pound.
A luzerna mágica no azul diáfano,
toldado de filamentos nebulosos.
Os torvelinhos instantâneos da água,
na fervura volitiva.
Cruzamos o delírio ecológico,
de um jardim marítimo
com as rosas nectáreas,
que em pensamento
depositaremos na luminosa sepultura.
Vênus rege os esplendores de cúpulas e torres.
Os barcos, hedonicamente,
sob a pluma cristalina do céu,
trilharão espessuras líquidas.
A festa apolínea dos sinos nos estonteará.
Não há mais o que desejar,
quando se está em Veneza.
Veneza é um lugar em si.
Chegamos às pedras brancas,
da Ilha dos Ciprestes Escuros.
No jazigo discreto, canteiro emblemático de florações,
deposito um jasmim sobre a lápide
que lhe registra o nome.
O tempo é imenso; e o homem, alguns eflúvios.
Os vivos deambulam, ébrios de outro álcool.

SOBRE UM TEMA RECORRENTE EM PAUL VALÉRY

Que misterioso encanto existe
no vertiginoso eflúvio?
Que fluido licor de temerosa insônia
nos conduz ao abismo da claridade?
Que distância está além do vôo do olhar
que pressente o cristal do tempo?
As coisas, de súbito, ardem
na fervilhante treva onírica,
no êxtase do espaço.
Envolto no evasivo sopro aéreo,
o ser crepita em átomos frementes.
Mas em que recôndito
perde-se o fascinante momento?
E que sentido tem a pulsação do vento?
Que tesouro jaz
no milagre faz a hora do ser,
entre a presença e o vazio?

POEMA DE FEVEREIRO

Encantada paisagem,
o arco luminoso de Copacabana.
Conjuro a tarde que me ilumina.
É preciso desprezar a preocupação,
para deixar-se fluir no litoral.
Flutuarei com os olhos extáticos,
imerso no *satori*.
Sonho com o dia,
em que todos estes convivas
desfrutarão deste nirvana,
quando contemplo a avenida,
cheia de transeuntes,
num ritual pacífico.
A experiência búdica desta calma.
Esse desprezo, por tudo quanto é pragmático.
Quero permanecer em serenidade,
sem pensar no amanhã.

Estou de férias de todas as disciplinas.
Caminharei a pé, de Copacabana a Ipanema,
com meu alumbramento.
Com meu paganismo libertino,
na tarde quebrantada de rumores.
Canto idiosincrasias à flor do tempo.
A perplexidade me distingue de todas as pessoas.
A sensualidade me desnorreia.
Ando tão só, na perspectiva
do não-fazer dinâmico!
Do exclusivo prazer de seguir adiante.
Vislumbro o mar divino na distância.
Vejo a vastidão da planície azul
e escuto o murmúrio misterioso das ondas.
Reverencio a indômita luz da tarde.

Assusto-me,
ao pensar que já se passaram três décadas.

Invento minha fantasia,
pra sentir a emoção de outrora.

Revivo aquela antiga paixão pela cidade.
Venero ainda aqueles símbolos
e alimento a ilusão antiga.
Os barcos pousados no azul.
O círculo de pedras e florações.
O movimento manso das águas.
Observar as ondas
é o meu exercício metafísico.
Navego com o olhar na divagação expansiva.
Posso permanecer horas a fio
com os olhos postos no horizonte.
É como se eu recordasse
algum momento encantado.
Talvez seja a tarde, que declina,
lavada de brisa;
ou o simples prazer dessa vadiagem mística,
que sempre inspirou todos os poetas.
O certo é que tudo me conduz
a essa perspectiva incandescente.
Revivo agora
a doçura nostálgica de outro tempo
como aventura,
desfrutando a transitória liberdade.
Há muitas pessoas ao redor,
fazendo ruídos e movimentos.
Não são mais que fantasmas,
diante da vasta realidade absoluta.
Nada me deleita como essa visão translúcida.
Nada me fascina mais que a sedução do mar.

Quisera ser aquele menino
que atravessava a Avenida Atlântica,
na década de 70.
Ir à praia, com o mesmo entusiasmo de outrora.
Mas, ao menos,

caminho descalço pela areia
e ainda cobiço os belos corpos femininos.
Recuso-me a ser este homem idoso
que recorda os passeios marítimos
de sua juventude.
Em que esquina perdi
os idílios e a inspiração romântica?
Fui, desde a infância,
um menino só, triste e pensativo.
Mas, ao menos, hoje a maré está mansa,
e vejo, como antes,
a expansão e o frêmito das águas.
Ao menos, respiro o ar benevolente da manhã
e desfruto ainda
do que há de mais exuberante na vida.

Não me canso de pronunciar sentenças dissolutas
com poetas ébrios e musas devassas.
Todas as noites,
demandando a companhia dos libertinos.
Só assim, exerço o meu ofício oracular.
O altar da poesia exige de mim
uma religião profana.
Esse comprometimento com a liberdade,
meu porto sem aduana,
com postulados sem dogmas,
sem protocolos de silêncio
nem toque de recolher.
Minha inquietude espiritual, compartilhada,
nos bares e nas calçadas.
Nossa missão, poetas:
o registro da experiência existencial urbana.
Seremos os porta-vozes das vicissitudes
e esplendores da cidade.
Transformarmos o cotidiano em palavra.
Buscamos a fórmula de tornar em êxtase
a angústia de cada dia.
Ser poeta é um modo

de não pensar que o momento é efêmero
e buscar sempre ter, no pensamento,
afetuosas imagens.

Preciso voltar a ser
o menino que cantava *Insensatez*
e tinha paciência com tudo.
Mas o tempo passa,
e me veio essa onda estranha.
Contudo, sob o fulgor magnânimo do Sol,
vou à praia com um livro,
como naqueles dias venturosos.
Hei de apascentar de novo essa sede insaciável
e me orientar depois dessas abstrações.
Mas, ao menos respiro alegremente
e afirmo que vale a pena viver.

Melodia que me recorda o passado,
vertiginosa imersão: dá-me o lenitivo,
alivia-me a dor do tédio!
Vejo a pólvora do tempo queimando.
E vejo o espaço azul, no cristal da tarde.
Quisera viver sempre esse vazio,
sem preocupar-me com coisa alguma,
com a percepção imersa na quietude.
Molho os pés na espuma.
Medito dentro do nada, no qual flutua o Planeta.
Transito em transe, inebriado de visões.

Rio, fevereiro de 2012.

APESAR DE TUDO

Deixar-se pleno de embriaguês mística.
Minha fé é uma peregrinação penitente.
Não há mais ordem no mundo, senão delírio.
Evoé, meu trabalho é não fazer.
Já tudo está perfeito.
Nuvens cínicas, rumores repugnantes:
o divino caos.
Ah, o esmeril do tempo,
com sua navalha invisível.

O que restou de tudo
foi esse tumulto, entre paredes inóspitas;
e essa tristeza, de ruínas, nas encruzilhadas.
Restou o veneno, de algum resquício da inocência.
Que a vida não merece o travo na garganta,
nem a vertigem cristalina das lágrimas.
O que passou é o que foi conspurcado
pela atroz voragem.
O ácido violento da dissolução.

A precocidade do homem-fera,
no menino que te mostra a faca, no sinal de trânsito.
Exige o celular e a carteira,
que eu tenho como dádivas,
e que ele cobiça como vingança.
As ruas perigosas e a paranóia da burguesia,
que teima em não fundar escolas.
No Brasil de hoje, somos reféns da agressividade
dos que não conhecem o valor da poesia
e da sua mensagem de fraternidade.

Meu olhar pergunta pelos quintais de outrora.
Revisito Fortaleza, uma cidade neurótica,
que nada tem a ver com aquela da minha infância.
Eu subia na caixa-d'água e avistava a paisagem idílica.
O tempo, qual verdugo, martirizou-me todos esses anos.

Mas é preciso confiar na claridade do dia
e deixar-se longamente observando o céu
com intimidade plena;
ver o brilho das folhas que o vento embala.
sem pressa de fazer qualquer outra coisa.
Fortaleza, a cinza dos minutos multiplicou-se,
dizimando as flores.
Mas eu ainda te contemplo, apesar de tudo.

VEREDAS MARGINAIS

Caiu sobre mim o estigma dos poetas malditos.
Mas tudo não passa de paranoia.
Caminho por veredas marginais.
Não desisto de ser, eu mesmo,
o rei da minha própria ética.

Medito sobre minha condição, diante do Incriado.
Minha contrição, diante de sua permanente vigilância.
O que existiu desde sempre
inventou o medo e a consciência.
A Ele peço guarida para aprender
as mutações da permanência impermanente.
Entender o presente infinito que se reparte,
recompor os fragmentos da realidade em mim.
Quanto me custa desvendar o enigma do tempo!
Estou feliz neste dia da minha conversão.
Estou disposto à renúncia e à paciência.
Hei de vencer, pela força dos meus nervos.

O caminho das duas veredas
me está desnorteando?
Ou eu mesmo é que me desencaminho,
nessa dualidade incômoda?
Hei de unificar o pensamento
e concentrá-lo na razão.
Hei de dedicar-me a afirmar
a supremacia de um Ser Superior.
Quando estou perdido, é quando me encontro.

Madri, janeiro de 2012.

ORAÇÃO AO HERÓI DO LABIRINTO

Desde a tua partida de Atenas,
com a missão de libertar os teus irmãos
do martírio infame,
sentias, certamente, alguma expectativa;
mas os deuses a dissiparam:
Inspiraram-te a fé que vem do Alto.
O Olimpo te favoreceu,
entregando-te aos favores de uma mulher fiel.
Ariadne concedeu-te afortunado dom de Amor.
O teu predestinado gesto avisa-me
que eu só tenho a esperança por ousadia.
Inspira-me a enfrentar os desafios!
Tua justiça de herói é permanente perigo.
Mas conhecias o teu poder,
quando te lançaste ao sacrifício.
Sabias que era teu destino
exterminar a horripilante aberração.
O teu sacrifício redentor ensina:
não há monstro mais perigoso que a imprudência.
Mas eu, que sou tímido e dispersivo,
cotejo minha debilidade com tua fortaleza;
e vejo que só tenho o sonho
como consolo e angústia!
Ó príncipe magnânimo,
norteia este discípulo infiel,
que duvida e peca,
no labirinto de si mesmo!

BENEDIÇÕES

Bendito seja o Sol,
clarão que se expande por todo o espaço do dia,
e, à noite, abre frestas,
na camada de mistério que envolve tudo.
Bendito seja o homem que venera a Lua,
feminina e generosa.
Bendito seja o poeta que, indiferente à angústia,
tenta entender a realidade para além da fé.
Bendito seja o estado mental
em que sou capaz de observar as cores.
Caminho, contemplativo, entre as árvores.
Olho o Sol e reconheço a claridade do Deus Único.
Tinham razão o Faraó Akhenaton,
que já falava do milagre da Luz,
e Zaratustra, que ensinava
sobre as correntes opostas da natureza.
Também, Krishna, Buda e Lao Tsé,
que exemplificaram o desapego.
Igualmente, Jesus, esse portento,
que me trouxe o respeito pelo semelhante.
Bendito seja o mundo,
pela visita dos sábios visionários.
O tempo é de venerações.
O céu irradia o esmalte das cores,
na tarde de trégua dominical.
Bendita seja a vida, pela luz da primavera!

CELEBRAÇÃO DO TEMPO

Celebro o vespertino alento.
Inebrio-me de fulgores de êxtase.
Vejo pássaros, nas ramas que voltam a florescer.
Bebo rumores, com os olhos impregnados de verde.
Serei um dia o magnetismo invisível,
na solidão da vida eterna.
Mas, agora, percebo o tempo e sinto inquietude.
Em andanças extravagantes, pergunto:
Por que se nasce?
E o que é feito do que desperta,
a imaginar um Deus
e a buscar alguma certeza permanente?
Regresso ao parque
com meus medos idiossincráticos;
com minha ânsia de consagração;
meu hábito de refletir sobre o ser e o não ser.
Regresso, com meu ideal de desfrutar da vida
e de ver na Terra um *habitat* divino;
em que pese a transitoriedade,
a infâmia, o fratricídio, a dúvida
e todos os delitos da incompreensão.
Quando soar o momento do meu Repouso,
dormirei e sonharei;
até voltar ao mundo,
novamente criança.
Reaprenderei tudo
e serei, outra vez, poeta.

Madri, março de 2012.

RÉQUIEM

Dou ao diabo as admoestações do tirano,
que negam a palavra viva.
O polícia do mundo, o mais torto,
o torcionário,
não passeia no horto da infância;
onde, a árvore da vida.
Não sente o perfume da saudade.
Não vê os pássaros de cristal das constelações.
Não decifra a mandala dos deuses tutelares,
nem dormita à luz do mistério,
diante da Arca flutuante no abismo.
Tenho pena do palhaço
que nunca riu de si próprio.
O Comendador da Desolação
nunca delirou com os violinos do esplendor.
Jamais cantou a liturgia da intempérie,
no chão molhado do aguaceiro,
dos dias de tabernas com flores.
Dou ao diabo a fábrica de medos do ditador,
sua pompa fúnebre, sua máscara de morcego infeliz,
o grotesco de suas ameaças desveladas.
O carrasco dos humildes
é lastimavelmente ridículo.
Jamais subiu nem desceu pela escada da torre,
onde mora o cachorro amarelo de Mefistófeles.
Nem nunca se deixou levar
para além do curral da insídia.
Tampouco se pôs a imaginar
a névoa dos pórticos sem fronteira.

A OUTRA NOITE

O dia inteiro fui um Sísifo da burocracia.
Cantarei como um pássaro devoto da Natureza.
Cintilam estrelas no jardim da minha solidão,
Depois do poente chuvoso
de estranha saudade.
Caminharei com unhas grandes de boêmio
e olhar lunático.
Cumprirei o meu destino de poeta.
Seja na fogueira do dia
que ilusão e desencanto,
seja na noite implacável da inquietação lírica,
buscarei algum recanto, em silêncio, ao ar livre.
Que psiquiatria diagnosticará esses meus desvelos?
Caminharei com perplexidade
E desfrutarei da vida até a última gota de néctar.
Nada me afastará do meu desígnio.
Não deixo que me importunem as imposturas dos tiranos.
Cantarei a liberdade e a beleza.
E quando vier a Outra Noite,
Só peço que seja suavemente,
como o crepúsculo de hoje.

INCANTESIMO

Veneza flui nos barcos,
à flor da correnteza,
esmaltada de gloriosos emblemas.
Desde a primeira flutuação
nestas passarelas aquáticas,
recordei que sonhara com os frescores irisados,
palácios cromáticos e pontes
como arco-íris de alegorias.
Antes de nascer, eu já me sonhava
habitante destas casas de alicerces
imersos na diluição cintilante.
Vem de remoto essa visão de apoteóticos esplendores.
Deambulo, desde outrora,
por estas fachadas de douradas estampas,
que me inspiram arrebatamentos místicos.
Fui, talvez, aquele sarraceno
que o apóstolo salvou na arte de Tintoretto.
Refugio-me no Giardini Ex Reali,
à margem de uma vereda de água verde.
Saio a caminhar e diante de mim
esplende San Giogio Maggiore
com sua torre heráldica.
À direita, La Salute é uma concha de mármore indelével.
A delicadeza de Vivaldi se deixa apreciar nos umbrais.
Atravesso o campo de Santa María Formosa.
Tomo a lancha e já me encontro
em Fondamenta delle Zattere,
Veneza ornamentada de filigranas.
Sob a cúpula gris de Santa Eufémia eleva-se a lua rósea.
Veneza, 7 de abril de 2012

O SOL DA RUA DE BAGNOLET

O sol da rua de Bagnolet tem voluptuosa carícia.
Banha-me os ombros, com ternuras de enlevo.
É diferente dos outros;
bem o sentiu Robert Desnos,
cantando-o em visões de evasão.
A rua de Bagnolet
deu-lhe o alívio das florações fosforescentes
e o sorriso das musas,
feito rosas que o vento beija.
O sol da rua de Bagnolet
convida-nos a visitar os jardins
e faz de Paris uma lâmpada amorosa.
Um deleite na pele, no cérebro e na respiração.
Sol vertiginoso, de sombra benevolente,
com pássaros canoros.
Generoso, qual vinho de luz;
acolhedor, como os auspícios da ventura.

Paris, 26.05.2012.

CHUVA

Nostalgia da chuva na tarde
que declina entre sombras.
Melodia triste na solidão que sonha.
Chove serenamente,
não obstante os rumores da cidade.
Sento-me, ao abrigo da intempérie.
Vejo as poças de água,
espelhando resquícios de claridade.
A chuva desce como um sacramento úmido,
lavando a terra e limpando o ar.
Respiremos.
A chuva é um bálsamo frio,
que me faz lamentar a brevidade do dia
e me consola com a arte de contemplar.
A única maneira de estar no centro
é deixar tudo fluir.
Observo, sentado à porta de um prédio,
o movimento das rodas:
No centro está o ponto de equilíbrio.
A espiral do tempo parece imóvel.

REVELAÇÕES

I

Lua auspiciosa anoitece.
As árvores ainda estão claras.
O céu admira a si mesmo,
no espelho da água.

II

Fito o abismo azul
e me deixam conduzir
pelo enigma vaporoso.

III

Resta acreditar no voo da luz,
ainda que os sobressaltos prevaleçam,
e não haja mais
que um vórtice de sombras,
escorrendo na espiral do dia.

DUALIDADE HUMANA

No tempo dos primeiros povoadores do Planeta,
o homem que escavava o chão
atentou contra o que passeava com as ovelhas.
Desde então, o homem pragmático
sente inveja do homem contemplativo.
E, desde aqueles tempos,
o segundo anestesia os sentidos
para suportar os ofícios que o primeiro inventa.
Desde então, o homem contemplativo
é forçado a sacrificar a sua vontade
e servir ao seu opressor.
Precisa fazer sempre as mesmas coisas
e ir aos mesmos lugares todos os dias.
Sua única vindicta
é um momento de liberdade secreta,
que ele desfruta com plenitude.
Seu único consolo é uma fuga temporária,
entre dois instantes de desgosto.

DOM SEVERO

Dom Severo só me mostra uma nuance
da coisa desejada.
E não me deixa mais opção,
que um tédio de monarca destronado.
Uma espécie de mágoa do destino,
que tento remediar, com rebeldia redentora.
Dom Severo me entrega apenas
essa contraditória luta pelo direito ao delírio.
Esse medo, como esperança desesperada.
O seu olhar, impassível no nadir,
é um colosso que perfura o azul
e entra na consciência da gente.
Dom Severo me conduz a um recanto,
à sombra do mormaço,
onde a poesia é um repouso efêmero.
Dom Severo fez um jardim para o homem habitar.
E, ao vê-lo triste, inventou a mulher e o alcalóide.
O autor de tudo,
em cujo templo os poetas exercem sacerdócio,
criou manhãs disciplinares e tardes lúdicas.
Estabeleceu a liberdade e a justiça com amor,
como a beatitude de andar sorrindo, sem motivo,
e a maravilha de peregrinar,
vertiginosamente,
pela cidade.

Madri, 28 de junho de 2012

DONA ZENILDA

Na arejada tarde, de suave luz,
onde estará Dona Zenilda,
que parece tão perto de mim,
e, no entanto, abandonou o corpo,
em hora imprevista?
A vida e a morte estão na natureza de tudo.
Só me resta imaginar um lugar luminoso,
em que ela esteja levitando,
no silêncio da imensidão azul.
Drummond tinha razão, quando disse que,
fosse ele rei do mundo,
não permitiria que as mães fossem embora.
Aquele ternura sempre ansiosa
pelo bem do seu filho pródigo.
Aquele sorriso de festa ao ar livre,
e a preocupação permanente
com o rapaz insensato,
que vive em outros países;
nômade, sonhador e medroso.
Fugitivo da realidade!
Medito sobre o mistério.
Lá fora, vejo o esplendor abissal do dia.
Fito a luz do Sol,
na expectativa de ver o rosto de minha mãe.
Quando as estrelas brilharem,
sei que ela estará naquelas imediações.

Madri, 30 de junho de 2012

REALIDADE

A Tanussi Cardoso

Fujo de tudo o que não é o meu sonho.
Demando o mundo aleatório das palavras indeléveis.
Evoco realidades imprevistas,
e tento entender o incompreensível.
Fujo da realidade que não vem da fonte inesgotável.
Busco uma cidade
que existiu como sombra de infância.
Vivo noutro tempo,
que um perfume de jasmim ressuscita.
Ah, aquele silêncio antigo,
bandeira fluida,
coisa que não está entre o visível!
Ouro alquímico,
permanente êxtase!
Refugio-me na miragem de quanto ouço e vejo,
e vivo para além dos lugares de agora.
Tento compreender a substância hilariante do vento.
Minha ilusão é serena expectativa.
As estrelas me falam da perfeição perene.
Ando alheio a tudo.
Só me interesso pelo meu encantado amor.
Música estranha,
desconsolo que entardece,
e vem de recôndita dimensão.

ELEGIAS DE INVERNO

Natureza,
tu que conheces o segredo,
concede-me o prazer de respirar com os pássaros.
O aguaceiro molhou os bancos
e ando contrito comigo.
Que história registrará meus passos,
neste meio-dia da vida?

A conversa dos comensais
contrasta com minha falta de apetite.
Fico ensimesmado,
diante de uns olhos verdes
que parecem diamantes
e brilham como pétalas de flores.

Extravagâncias, agonias extáticas,
perambulações e vertigens.
Incontinências aleatórias.
Viver intensamente
exige alguma ebriedade.
Quero perpetuar essa flagrante plenitude
e nunca mais sentir aquele tédio desvanecido.

PELAS CALÇADAS DA DÚVIDA

*Que nos importam os mistérios?
Apenas nos deixemos arranhar por eles,
e sigamos com nossas dignas cicatrizes,
para ao fim dizer: Não fui indiferente.
(Elaine Pauvolid)*

Que sabemos da pólvora translúcida
que o tempo acende?
Que sabemos da conexão entre justiça e natureza?
Sei apenas do prazer de viver em vão.
Vejo que a natureza tudo faz, sem nada fazer.
E tudo dissolve, com mãos imaginárias.
Porque haveria eu
de preocupar-me com coisa alguma?
No entanto, não estou feliz com a fortuna cotidiana.
Justiça e Natureza são faces de um equilíbrio.
Mas um tédio lúdico me espanta de inquietação.
De súbito, desnorteio-me,
na calma veloz do pensamento,
cujo fim creio ser a onipresença.
Por que sinto, e não sinto, rancor
contra todo engano?
E, no entanto, a febre dos sentidos alardeia.
Quero, num só golpe de abstração,
fixar a plenitude e amar em mim um ser futuro.
Ou, pelo menos, pintar, com flores e folhas,
os matizes da hora.
Pelo menos, dormir em paz
e acordar, pensando em novas aventuras.
Mas nada disso é permanente.
E oscilo, circulando pelas calçadas da dúvida.

PROMISSÃO

*“Contemplo o infinito
como quem ausculta
o som irremediável
da própria voz,
e sabe que o mistério
está próximo do fim”.*
(João Carlos Taveira)

Tenho poemas nas mãos e nos bolsos.
Suporto as peripécias setentrionais,
sob o esmalte gelado do luar.
Acredito na ilusão de viver eternamente.
Folhas no chão, brisa nos galhos,
o vento dilui todas as coisas.
Mas o inverno não me intimida,
porque conheço a verdadeira liberdade.
O aprendiz do amor passeia
enternecido
na noite fria.
O mundo é subjetivo:
respiro o néctar aéreo
e enfrento a intempérie.
Nessa fusão de vida e sonho,
o prazer de saber que seremos
esse fogo dissolvido no espaço
e que a consciência é o eterno nada:
o vazio da luz.

RUBAIYAT

Este que acredita ter um nome
e se estonteia na fantasia da hora.
Este que crê iluminar o universo,
no minuto em que escreve.
Este que canta de desespero, como as cigarras.
Este que sonda, em vão, o mistério
e se deleita no torpor crepuscular,
sonhando com a hora de viver à toa,
sem que os demônios o assediem.
Este que decide
abandonar toda perspectiva de futuro
e logo imerge dentro de um sonho.
Este que, por fim,
se reconhece uma máscara de angústia,
que se chama ego...
Não lhe desejo mais
que a certeza de que nada importa.
Que não vale a pena empenhar-se,
para que nada fique por dizer.
Para tanto desconsolo,
só lhe resta beber algum vinho voluptuoso
e recordar um perfume fêmeo,
nas suaves cores da aragem.

IMAGENS DO MAR DE SAINT-JOHN PERSE

Festa nas fronteiras dos confins, alívio de noturno itinerário, puro instante, o grande pássaro azul nos recorda assuntos distantes, guia-nos no prazer dos caminhos frementes. As bocas do desejo nos limites da noite, nos vastos espaços, o navegante vê os arcanos e as fábulas imortais. Um pródigo de lábios ressecados exige abluções nas pálpebras da tarde marinha. Ventos em calma, sonhos estremecidos, pedras erigidas ao silêncio, o grande pássaro, cuja sombra viaja na fortuna, verte rosas de espuma viva, cujo espasmo conduz ao fogo verde das vinhas da fantasia e nos outorga um gládio de júbilo. A púrpura das lavandas lava a cinza dos signos, a celeridade do dia anuncia fontes. Legendário mar a que nos destinamos, imersão na plenitude transitória. Chuva do porvir, evasão que derrama lágrimas abissais, hidra de força e doçura, além das vivas pedras onde nos fixaremos, naquele mais vasto e mais próximo mar, espelho das espadas dos astros, verdade que não nos ensinam nem nomeamos. A curva do vôo e o espectro da órbita planetária na extensão peregrina. Pássaro que leva o nosso sonho no espaço.

O HEDONISMO DE CONSTANTINO KAVAFIS

É preciso cantar os velhos tempos de Antioquia.
Desfrutar do prazer de um formoso corpo,
dos lábios voluptuosos da beleza amada.
É preciso beber o vinho forte dos audazes
e perscrutar o futuro,
embriagado de recordações.
Aos míseros humanos,
sujeitos ao destino.
o melhor pedirmos o deleite da lírica fantasia.
Um alcoolismo piedoso que nos console
nas mudanças repentinas da fortuna.
A Arte da Poesia, divino obséquio,
é archote translúcido,
que reconstitui as visões eróticas,
perfumes e delícias das horas encantadas,
na companhia do antigo amor,
ou no alegre festival de *Sham el-Nessim*.
Os passados dias são velas consumidas.
Na sombra desesperadora
oscila o lume da doce recompensa.
Ninguém jamais viu a tumba de Apolônio, o sábio.
O poderoso Pompeu teve a cabeça posta em bandeja.
Timolaos, o músico de Siracusa,
envelheceu mergulhando em tristeza.
Inquietos, os Lares inspiram nômades contemplações.

RAYMOND QUENEAU DEFINE O TEMPO

O tempo é cardo sem piedade,
mandrágora que o vagabundo bebe
em penumbras ignotas.
O tempo suscita gosto de aventura,
em hora de insônia,
de sombras tecidas na luz dos dias.
O tempo é o murmúrio da estrela,
barulho de alegria,
aurora cristalina onde se exila o homem.
Nos aros da noite,
janelas mostram o horizonte dormido.
Lua de infância nas folhas ondulantes.
O tempo é respirar além do muro do grande tédio,
além da certeza terrível,
no centro do mundo,
na claridade que se dissemina.
O tempo não nos isenta do instante fatal.
A canção do nada é o tema
que entoamos à espera da grande aventura.
As noites eram doces como o céu que resplandecia.
Não conhecíamos o medo dos devoradores do presente.
Celebrávamos a plenitude dos tranqüilos.
Só nos resta a insensatez dos que choram de rir.
Cérbero espera o seu bolo de mel dos meridianos.
Tudo é veloz, sombra noturna de lamentos.
Futuro que nasce nos luzentes telhados da tarde.

MEDITANDO COM HORACIO

Ditoso o que não cobiça nem adula
nos umbrais dos soberbos.
O que aproveita o ensejo
para brindar aos homens piedosos.
O que, sob o influxo das estrelas,
pede ao pai dos ventos que, suavemente,
o conduza no selvagem pélago.
O que, sem perguntar pelo amanhã,
deixa-se consolar pelo esforço do dia,
como recompensa para as ameaças do Orco.
Sendo breve a vida, resta desfrutar,
moderadamente, dos dons de Líber,
não sem dissipar as penas vorazes.
Exígua é a conta dos dias.
Júpiter apenas retarda o vôo do Destino.
Ao sacerdote das musas
permitido está sorver o doce vinho
e rir das travessuras de Cupido.
Enquanto é possível,
refutar o lamento fúnebre
e deleitar-se no ócio lírico da hora presente.

CLARIVIDÊNCIAS

Digo não ao tédio na manhã enigmática,
que torno prazerosa.
Ainda que somente os pássaros me entendam
(e eles são invenções esotéricas dos anjos),
transito pelo meu caminho arborizado.
O estio faz o dia cálido.
Uma preguiça libidinosa entorpece tudo.
Viver assim, sem rancor:
que importa o que me disse ontem algum ignóbil?
Sem complexo de culpa:
a sede de êxtase provoca insensatez,
mas ensina deliciosas introspecções.

Na tarde verde do meu sonho,
o domingo é uma estância sensual.
Na solidão em que me espanto.
ressoa ao longe um sino.
A folhagem viva, de esmaltadas cores, me seduz.
Tenho os olhos patéticos no ar do tempo.
Que remédio cura minha sede de eternidade?

Na inveterada solidão em que me refugio,
o céu canta a transição das horas
e o mundo etéreo splende em véus de luz.
Centelhas de um segredo assombroso.
Paz espectral na expansão cristalina.
Clareira de clarividência.

PSICOGRAFIA POR GRAÇA DO VISIONÁRIO WILLIAM BLAKE

O sacerdote deixa cair o seu anátema
sobre o deleite dos sentidos,
Mas não tem capelas o jardim dos áureos prazeres.
O Lírio branco mostra a sua beleza efêmera,
Mas é gozo eterno o dom da energia vital.
A percepção do infinito nas coisas
oculta-se no júbilo das estrelas.
Mas, além deste precipício de lisos muros,
o espírito brincarà no vento
Libará o orvalho da noite
o pássaro que nasceu para a alegria
Desaprenderão as notas de infortúnio.
Será permanente a exuberância da contemplação.

RECORDAÇÃO

Ainda ontem, estive no jardim flutuante.
No labirinto encantado de veredas hídricas.
Diante da evasiva flutuação,
alimentado de substância aérea:
o elixir messiânico da lua.
Estrada de lenitivo,
plena de vórtices indômitos.
Visão olfativa de um manancial
onde bebi ócio nos quintais aquáticos!

SONETO DE TRANSCENDÊNCIA

Sonhei chorando e acordei sorrindo.
Chorei sorrindo e acordei sonhando.
Sorri sonhando e acordei chorando.
O riso e o pranto já me perseguindo.

Vivendo e cada vez mais esperando
o dia que já venho pressentindo,
na vida de esperar o céu se abrindo.
sabendo e não sabendo como e quando.

Será meu sonho a própria realidade?
pergunto e a natureza silencia.
E tarda sempre mais aquele dia

que já existiu, talvez, em certa idade,
quando eu sonhava tanto, que não via
a imagem peregrina da verdade.

INVENÇÕES DA VIDA

A vida inventa a alegria e o medo,
visões de claridade e breus escuros,
nuvens aladas, horas de degedo,
momentos desesperados e puros.

A cidade veloz e o lento enredo
em que sofro sintomas inseguros.
Minha contemplação grave de aedo,
lua no céu e eu jamais intramuros.

O rebanho na rua, eu dentro em mim,
a sedução das formas sensuais,
o véu celeste, qual prazer sem fim.

A vida inventa a tarde do arlequim,
a ociosa calma que afugenta os ais,
o olhar deserto e o nada de um jardim.

IDEAL

Perder-me no labirinto de mim,
mas resistir, tranqüilo, em vida e sonho,
e conhecer os portais do jardim,
onde não entra o pavor do medonho.

Afirmar sempre o que agora suponho,
na certeza de um destino sem fim.
Nunca mais ser o poeta tristonho
que se equivoca ao dizer não ou sim.

Se tudo é sonho, então deixa eu sonhar
que o meu sonho é real e permanente,
como intuição do sentido de amar.

Firmar no ser o ideal transcendente
de que a morte é fictícia e desfrutar
da eterna perspectiva do presente.

EPIFANIAS

As águas que passam são as mesmas de sempre.
Resta inventar a realidade com os próprios passos.
A vida, rumor sem fim,
vem da grande luz,
silêncio etéreo.
É o milagre em que intuímos a permanência.
A perenidade do vento em que participaremos
na totalidade da expansão,
na clara textura vaporosa.
A paisagem é um consolo para o imponderável.
Harmonizo-me com os elementos fluidos da natureza.
Viajo nas ondas do tempo.
Entro no filtro do oásis,
sob aos auspícios do arco-íris.

As nuvens passam:
música perdida,
em meio ao nada,
em que as coisas existem.
Graças ao Sol estamos vivos.
As distâncias fogem do olhar
daquele que se inebria dos seus reflexos.
Pulsação de vida que não pergunta
nem duvida.
Deixa fluir o pensamento.
O todo gira no caos,
em matizes de dimensão metafísica.
Silêncios povoados, na tarde fremente.
As flores afirmam seus trânsitos circulares.
A doçura branca das pétalas
vibra em uníssono
com a utopia cristalina das estrelas.

A vida é uma agonia
que suporto com deleite.
Escada de sonhos e vertigens

que subo,
ébrio de estranha ressonância.

ALGUMAS OPINIÕES

Whitman é grandioso e cósmico. Márcio também. E, nesses Dias Insólitos, sublinha-se o transcendente, a taoística busca da totalidade. A sede de expansão da consciência, em Márcio, responde a muitas perguntas. Como, a do motivo da extensão de seus poemas, da riqueza vocabular, da vasta quantidade de obras e da incorporação dos nomes de tantos outros poetas à própria obra. Aliás, nenhum outro poetizou tantos outros poetas quanto ele. (Ricardo Alfaya, em 08.10.2012).

Meu querido poeta e amigo Márcio Catunda, Neste fim de semana, o Escombros e Reconstruções foi minha leitura e releitura, e de ambas recolhi a impressão de estar diante do seu melhor livro. Daquele em que você, vindo de várias vertentes, enfim se encontrou. Compacto, reúne vozes diversas numa única voz, na qual o sussurro e o grito se unem; o irônico e o imprecatório se ombreiam; a suavidade lírica se abre como um leque. É já um livro em que Márcio Catunda se ergue inteiro, no uso pleno de seu arsenal poético, tanto no plano retórico do uso da linguagem quanto no plano conteudístico. O uso imoderado do eu, em seus poemas, conduz o leitor a sucessivas descobertas, em que as máscaras se sucedem, numa poesia que tem algo de espetacular. Minhas felicitações sinceras. (Lêdo Ivo, e-mail, de 16.08.2012)

Nesses 35 anos de carreira literária, Márcio Catunda tem-se revelado um exímio artesão da palavra poética. E, à maneira de um Augusto Frederico Schmidt, de um Walt Whitman ou de um Vinicius de Moraes (dos primeiros livros), tem gosto pelas formas expansivas e pelas sucessivas reverberações cósmicas. A poesia de Márcio Catunda, com suas premonições de catástrofe, é um retrato fidedigno de nossa época, embora, às vezes, ele, em puro estado de contemplação, se permita escapar para

regiões etéreas. Por isso, não aceita nenhum tipo de malismo, nenhum tipo de contenção para os seus versos, que, desde o primeiro livro, atestam uma firmeza de caráter e um propósito bem definido: cantar a vida com suas alegrias e tribulações. (João Carlos Taveira, em palestra feita na ANE, Associação Nacional dos Escritores, Brasília, 08.09.2011)

Márcio Catunda é uma voz inconfundível na Poesia Brasileira e vem constituindo uma obra vigorosa e visceral. Em ***Dias Insólitos***, dialoga com Ezra Pound, Antonin Artaud e Tagore. Sua principal virtude técnica é criar um discurso poético com rigor artesanal, sem perder a expressividade espontânea - nascida da intuição imediata. Antenado com o movimento ***new age***, que busca a consciência cósmica e fala da circularidade do tempo, com o seu lirismo peculiar, Márcio Catunda nos revela, em visões metafísicas, uma compreensão transcendental do ser. Seu livro anterior, ***Escombros e Reconstruções***, foi agraciado com o ***Prêmio Vinicius de Moraes***, concedido pela Academia Carioca de Letras, ao melhor livro editado em 2012 (Flávio Sarlo, escritor).